

DAS “IMAGENS EM AÇÃO” ÀS “IMAGENS EM AVALIAÇÃO”: UMA PESQUISA-AÇÃO SOBRE O USO DE MATÉRIAS TELEVISIVAS EM PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Mauro Betti

Livre-Docente em Métodos e Técnicas de Pesquisa em Educação Física
Unesp- campus de Bauru

RESUMO

O objetivo deste estudo foi experimentar e avaliar o uso de matérias televisivas como conteúdo e estratégia de ensino, em programas de Educação Física escolar. A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação. Os resultados são apresentados com referência à: temas eleitos, interesse dos alunos e estratégias utilizadas. As conclusões indicam que o uso de matérias televisivas permitiu apoiar a concretização de uma Educação Física escolar cuja finalidade é a apropriação crítica da cultura corporal de movimento, embora a ênfase se tenha dado no desenvolvimento de conteúdos conceituais, e que houve transformações na atuação pedagógica dos professores participantes.

ABSTRACT

The goal of this research was to experience and to evaluate the use of TV programs as matter and teaching strategy in physical educations courses as a school matter. The methodology we used was the action-research. The results are been showed referred to: chosen themes, pupil's interest, strategies that were used. The conclusions show that using television programs was helpful to concretize a conception of physical education based on the goal of critical appropriation of the body movement culture, nevertheless the emphasis was on the development of conceptual contents, and that were transformations in the pedagogical work of the involved teachers.

RESUMEN

El objetivo de este estudio fue experimentar y evaluar el uso de reportajes televisivos como contenido y estrategia metodológica en la enseñanza dentro de programas de Educación Física escolar. La metodología utilizada fue la investigación-acción. Los resultados son presentados con referencia a: los temas elegidos, el interés de los alumnos, las estrategias utilizadas. Las conclusiones indican que el uso de reportajes televisivos permitió apoyar la concretización de una Educación Física escolar cuya finalidad es la apropiación crítica de la cultura corporal de movimiento, a pesar de que el énfasis se haya dado en el desarrollo de contenidos conceptuales, y que hubo transformaciones en la actuación pedagógica de los profesores participantes.

A AÇÃO DAS IMAGENS: PROBLEMA E OBJETIVO

Já se encontram bastante pautadas na literatura as questões relativas às relações entre as mídias¹ e a cultura corporal de movimento na sociedade contemporânea, e,

¹ Por “mídias” entendemos os tradicionais meios de comunicação como jornais, rádio e televisão, assim como as “novas tecnologias de informação/comunicação”, como a *internet*.

portanto, entre as mídias e a Educação Física escolar, se considerarmos que a finalidade desta disciplina é propiciar a apropriação crítica da cultura corporal de movimento². Veja-se, por exemplo, Betti (1998, 2003), Feres Neto (2001) e Pires (2002).

Em síntese, é possível concluir que as mídias colocam um *problema pedagógico* para a Educação Física escolar, pois se as informações e imagens provenientes das mídias são constituintes e constituidoras da cultura corporal de movimento, devem também ser objeto e meio de educação, visando preparar os/as alunos/as para estabelecerem uma relação crítica e criativa com os discursos difundidos por esses meios.

Orozco-Gómez (1997, p. 62), nessa mesma direção, aponta que os meios de comunicação de massa (MCM), em particular a televisão (TV), colocam importantes desafios à escola e aos professores, os quais não podem ser combatidos ou ignorados com base em estereótipos e pré-juízos; pelo contrário, a escolas e os professores devem preparar-se para assumir o papel de mediadores críticos do processo de recepção dos/as alunos/as, porque “ou fazemos dos meios aliados ou os MCM seguirão sendo nossos inimigos e competindo conosco, deslealmente, fazendo-nos perder relevância na educação das crianças”.

Já para Ferrés (1996) a escola deve educar *no meio*, quer dizer, educar na linguagem audiovisual característica da TV, ensinar os mecanismos técnicos e econômicos de funcionamento do meio, oferecer orientação e recursos para a análise crítica dos programas, e educar *com o meio*, ou seja, incorporar a linguagem audiovisual da TV à sala de aula para otimizar o processo de ensino e aprendizagem. Como as imagens televisivas atingem as nossas faculdades humanas inicialmente pela emoção que causam, um método que objetive a educação no meio e com o meio deve possibilitar a integração da experiência que TV provoca. Para tal, propõe uma *metodologia compreensiva*, composta de três fases: comunicação espontânea (expressão verbal das reações emocionais geradas pelas imagens), distanciamento progressivo (tomada de distância em relação às próprias emoções, a partir de questões de caráter mais racional) e análise/reflexão sobre o vivido.

Torna-se imperativo, então, em um primeiro momento, interpretar o discurso das mídias sobre a cultura corporal de movimento, buscando decifrar sentidos nele presentes, e refletir criticamente sobre suas repercussões na Educação Física Escolar, preocupação que pode ser encontrada, por exemplo, em Betti (1998). Em um segundo momento caberia pesquisar e propor metodologias adequadas para a efetiva incorporação, de modo crítico e criativo, das produções das mídias ao ensino da Educação Física, do que se ocuparam, por exemplo, Betti (2003), Batista e Betti (2005), e Oliveira e Pires (2005). Nesses estudos, o uso de uma produção televisiva, ou a produção de imagens por parte dos alunos, não apareceram como fins em si mesmos, mas subordinados a um *projeto* de Educação Física escolar. É no contexto dessa tarefa *engajada* que esta investigação se insere.

Estas são as questões de que se partiu: como se daria, em práticas pedagógicas concretas, o uso de matérias televisivas em aulas de Educação Física, que visem apoiar a “apropriação crítica da cultura corporal de movimento”? As expectativas criadas a partir dos resultados do estudo anterior se confirmariam? Que dificuldades e facilidades surgiriam? Seria possível identificar e descrever estratégias de ensino/conteúdos adequados, que recomendassem o uso de matérias televisivas nas aulas?

Nesses termos, o objetivo deste estudo é experimentar e avaliar, no âmbito de escolas de ensino fundamental e médio, o uso de matérias televisivas como conteúdo e

² A exercitação intencionada, e em geral sistemática, da *motricidade humana* (capacidade de movimento para...) construiu/constrói as formas culturalmente codificadas (simbólicas) que conhecemos como esporte, ginásticas, dança etc. É a este processo e produto que denominamos *cultura corporal de movimento*, na qual a Educação Física escolar busca problematizações/tematizações, a partir da articulação de valores e finalidades pedagógicas.

estratégia de ensino, no contexto de programas que compartilham o entendimento de que a finalidade da Educação Física é proporcionar a apropriação crítica da cultura corporal de movimento.

A DINÂMICA METODOLÓGICA: PESQUISA-AÇÃO

Os objetivos e a natureza da investigação demandaram uma metodologia *descritiva* e *interpretativa* que possibilitasse o diálogo com os fundamentos teóricos de uma Educação Física concebida como apropriação crítica da cultura corporal de movimento. Tais exigências levaram a eleger, como caminho metodológico, a pesquisa-ação, buscando para tal amparo nas proposições de Thiollent (1986) e Elliott (1990, 1993).

Thiollent (1986, p. 14) define a pesquisa-ação como:

um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Tal ação, alerta Thiollent (1986), é não-trivial, quer dizer, é uma ação problemática merecendo investigação para ser elaborada e conduzida; trata-se de pesquisa na qual as pessoas envolvidas têm participação ativa, e na qual há uma *exigência de conhecimento a ser produzido*.

Nesse sentido, preferimos vislumbrar a pesquisa-ação não como uma “intervenção” na prática pedagógica, palavra que carrega conotação autoritária³, mas como *interlocução*, em duplo sentido: do pesquisador com os professores/as, e destes com suas práticas.

No entendimento de Elliott (1993), no campo da educação, a pesquisa não pode estar separada da prática; a prática mesma é a forma de investigação, e a produção teórica deve derivar das tentativas de mudar as práticas, e estas são o meio pelo qual se elaboram e comprovam as suas próprias teorias, ou seja, as práticas constituem-se em categorias de hipóteses a comprovar.

Elliott (1990), então, define a pesquisa-ação como uma atividade empreendida por grupos humanos com o objetivo de modificar suas circunstâncias a partir de *valores compartilhados*; é uma prática reflexiva, com ênfase social, bem como o processo de investigar sobre ela. Característica marcante da pesquisa-ação proposta por J. Elliott, segundo a apreensão de Pereira (1998) é a de ser um processo que se modifica continuamente em espirais de reflexão e ação, e que, ao invés de limitar-se a utilizar um saber existente (o que caracterizaria a pesquisa aplicada), busca mudanças no contexto concreto e estuda as condições e os resultados da experiência efetuada. O professor procura converter o conhecimento existente em hipóteses-ação, e estabelecer uma relação entre a teoria, a ação e o contexto particular. O objetivo não é simplesmente resolver um problema prático da melhor forma, mas, pelo delineamento do problema, compreender e melhorar a atividade educativa; preocupa-se, portanto, com a mudança da situação e não só com sua interpretação.

Outro aspecto lembrado por Pereira (1998, p. 168) é o fato de que a pesquisa-ação reforça a postura colaborativa dos professores que, ao refletirem suas práticas, “trabalham dialogicamente com seus colegas e não deixam de lado a influência das estruturas curriculares”.

³ “Intervir”: ingerir-se (em matéria, questão etc.), com a intenção de influir sobre o seu desenvolvimento; interpor sua autoridade, usar de seu poder de controle.

A concepção de pesquisa-ação tal como defendida por J. Elliott recomendou, para o presente estudo:

- A necessidade de, sem negar as divergências, haver algum compartilhamento de valores com relação ao entendimento de Educação Física escolar, o que parece ter sido garantido na fase anterior da pesquisa (BETTI, 2003).

- Não isolar a experimentação no uso de matérias televisivas do contexto “natural” do ensino – quer dizer, não criar uma situação artificial para a “testagem” isolada de estratégias e conteúdos de ensino, mas sim integrá-los no conjunto de aulas que objetivam desenvolver um determinado tema.

- O cuidado para entender que a necessidade de produzir conhecimentos sobre o uso de matérias televisivas como estratégia e conteúdo de ensino não pode sobrepor-se ao compromisso de *produzir melhorias* nas práticas pedagógicas dos/as professores/as, nos termos dos valores compartilhados.

PROCEDIMENTOS

Participaram desta pesquisa seis professores de Educação Física⁴ (doravante designados *interlocutores-professores* – “IP”), oriundos da fase anterior da pesquisa (BETTI, 2003). Foram desenvolvidas sete aulas com uso de matérias televisivas, com turmas de 5^a, 7^a e 8^a séries do Ensino Fundamental e as três séries do Ensino Médio, em quatro escolas públicas e duas privadas. A escolha das matérias utilizadas nas aulas foi feita em conjunto, e levou em conta os conteúdos e objetivos de ensino do programa de Educação Física definido em cada escola. O registro da experimentação foi feito pelos próprios interlocutores-professores, mediante respostas (por escrito) a um “Roteiro para descrição e avaliação das aulas”. Três aulas foram registradas com filmadora de vídeo. Os registros foram apresentados e debatidos nas reuniões de trabalho, acompanhados de um relato verbal mais minucioso por parte dos interlocutores-professores responsáveis pelas aulas. Ao longo de 18 meses, foram realizadas 11 reuniões de trabalho coletivo, e ao final da pesquisa realizaram-se entrevistas individuais com os interlocutores-professores. As reuniões foram gravadas com filmadora de vídeo e posteriormente transcritas; com base nas transcrições foram elaboradas “sínteses conclusivas” das reuniões e das entrevistas individuais, as quais foram tomadas como base para apresentação dos resultados.

IMAGENS EM AÇÃO: OS RESULTADOS

O resultado mais consistente é a de que as matérias televisivas devem estar inseridas no *desenvolvimento de um tema*, que em todos os casos relatados exigiu várias aulas. É o tema que deve determinar a escolha da matéria, e não o inverso, tal como exemplarmente manifestou um interlocutor-professor: “*eu vou ter um espaço separado pra trabalhar com isso daí, não de forma segregada, fazendo parte do contexto geral, todo tema que eu for trabalhar e tiver possibilidade dentro daquele tema trabalhar o vídeo junto*” (IP-3).

Alguns temas obtiveram consenso e foram eleitos como “obrigatórios”, pela sua relevância social e participação na própria constituição da cultura corporal de movimento contemporânea, quais sejam: “Padrões de Beleza, Obesidade/Emagrecimento e Atividade Física”, “Ética” e “Esporte Profissional”. Tais temas foram efetivamente incorporados aos programas de Educação Física pelos interlocutores-professores, e no seu desenvolvimento eles se esforçaram, por meio de estratégias especificamente elaboradas, em estabelecer

⁴ Foram eles os professores: Adilson S. Bernardes, Carlos A. Gasparini, Evandro L. Abruzeze, Marco A. Gomes de Almeida, Vergeniaud S. Cabral e Willer S. Maffei, incansáveis batalhadores da educação, com que muito aprendi, e a quem agradeço.

relações com as atividades corporais vivenciadas nas aulas, assim como com a vida cotidiana dos/as alunos/as.

Os interlocutores-professores destacaram a necessidade das matérias televisivas despertarem a atenção e interesse dos/as alunos/as. O “fundo” de tal preocupação parece residir no receio de rejeição por parte dos alunos, que não estavam habituados com aulas de Educação Física em sala de aula e com conteúdos “teóricos”: *“realmente a gente ficou muito preocupado se haveria aceitação por parte dos alunos”* (IP-1), pois a expectativa é participar de aulas “práticas”: *“eles estão cansados de ficar dentro da sala de aula, eles querem ir pra quadra [...] parece que eles querem Educação Física como uma válvula de escape, uma compensação”* (IP-5).

Estratégia utilizada por muitos interlocutores-professores para lidar com esse problema foi *“preparar o espírito”* (IP-2) dos alunos para a exibição de matérias televisivas nas aulas, no sentido de informar aos alunos, no início do ano, da utilização de vídeos para o desenvolvimento de determinados temas, então *“isso aí ficando bem claro com os alunos, fica fácil durante o ano”* (IP-5). Um interlocutor-professor referiu-se à necessidade de *“negociar muito”* com os alunos, pois eles *“não são muito chegados a esse tipo de coisa”* (IP-2). Com o decorrer do tempo acabou havendo, na maior parte das turmas, uma reversão dessa rejeição inicial, quer pela experiência adquirida pelos interlocutores-professores, que lhes conferiu maior segurança, quer porque os alunos se habituaram com o uso de vídeos em aula. Seria possível admitir que se chegou a alcançar uma mudança na “cultura da Educação Física” em um meio escolar específico? Conforme um interlocutor-professor que faz uso freqüente de vídeos, em sua escola *“existe uma cultura já no aluno, de que a Educação Física não é só ir lá e fazer, mas é também pensar sobre isso”* (IP-6).

A despeito das variadas estratégias sugeridas na literatura estudada pelos interlocutores-professores e sugeridas por eles próprios ao longo das reuniões de trabalho, a estratégia predominante nas aulas ministradas baseou-se na tentativa de estabelecer um “debate” verbal após a exibição das matérias televisivas, debate este que, em maior ou menor grau, foi monopolizado pelos interlocutores-professores, os quais apresentaram inúmeras razões para a escolha da estratégia referida:

- As aulas analisadas faziam parte de um conjunto de aulas, as quais contemplaram maior participação dos/as alunos/as;

- Os/as alunos/as não estariam suficientemente preparados para o debate e sentiam-se inseguros, e então seria necessário prepará-los com antecedência, com conteúdos mais aprofundados. Conforme declarou um interlocutor-professor: *“havia uma crença de que o vídeo já iria dar uma ligada na tomada do aluno tomada do aluno; de repente eu acho que isso é muito pouco”* (IP-3).

- Os/as alunos/as não possuíam a prática de se expressarem verbalmente nas aulas, e suas participações dependiam dos estímulos dos interlocutores-professores: *“eles falam um pouco e logo acabou o assunto”*; então o professor *“vai ter que mediar, falar”* (IP-5)

- Como decorrência do item anterior, o professor precisou atuar como “âncora”, fazendo um *“fechamento”* do tema, em direção a conclusões: *a gente pega tudo aquilo que os alunos falaram e a gente acaba fazendo as conclusões, porque a gente não pode também deixar tudo aberto”* (IP-6). Contudo, dois interlocutores-professores concordaram com a crítica sobre a estratégia preferencialmente escolhida, centrada na verbalização do professor, com pouca participação dos alunos. Para um deles foi *“um erro meu a gente acabar atropelando [...] talvez se a gente fosse trabalhando, aí vai melhorando, eu acho que a tendência é melhorar”* (IP-5). O segundo interlocutor-professor admitiu que *“poderia ter tido um outro mecanismo, criado uma outra estratégia, que a gente*

participasse, fizesse as interferências devidas, mas deixasse uma participação maior do aluno, mesmo ele sendo um pouco mais arredo” (IP-3).

Houve unanimidade em recomendar a inserção das matérias televisivas em aulas “duplas” (100 minutos) para permitir o pleno desenvolvimento do tema sem excessiva pressão do tempo. Mas tal sugestão exigiria idealmente, segundo os interlocutores-professores, a inclusão de uma terceira aula semanal nas escolas em que há apenas duas aulas de Educação Física por semana, para possibilitar maior tempo às atividades “práticas” na quadra, demanda proveniente dos alunos.

Houve um “efeito não-esperado” como conseqüência do pleno envolvimento dos interlocutores-professores com a pesquisa. No âmbito das suas escolas, três interlocutores-professores dirigiram demandas a professores de outras disciplinas (Matemática e Português) a partir de deficiências constatadas nas atividades desenvolvidas com os alunos; também três deles, em conjunto com professores de outras disciplinas, reivindicaram e obtiveram melhorias na infra-estrutura e funcionamento de suas escolas com relação ao ambiente e equipamentos para exibição de vídeos.

O tema preferido

O tema “Padrões de Beleza, Obesidade/Emagrecimento e Atividade Física”, foi o preferido dos interlocutores-professores nas sete aulas que foram objeto de registro e análise, ao qual foi associado o uso de uma matéria televisiva específica, que enfocava o tema da obesidade, alimentação e regimes alimentares, bem como o papel do exercício físico no emagrecimento e sua relação com a saúde individual⁵. Apenas uma aula não se fez uso da referida matéria.

No nosso entendimento, a opção pelo tema e correspondente matéria televisiva deveu-se: (i) à maior segurança proporcionada por experiências anteriores na sua utilização; (ii) por facilitar o desenvolvimento de conteúdos conceituais, provavelmente a dimensão em que os interlocutores-professores sentiam-se mais à vontade para lidar, e, particularmente, por permitir a mobilização de conhecimentos que julgavam possuir (e de fato possuíam em alguma medida), na área de composição corporal, nutrição e fisiologia do exercício; e (iii) por ser capaz de despertar a atenção dos/as alunos/as, ao tratar de tema constantemente “pautado” nas mídias, e que é preocupação constante dos/as adolescentes, permitindo portanto abordar o tema da saúde, dos padrões de beleza e do exercício físico a partir do interesse deles/as.

A análise das aulas filmadas (sem esquecer contudo que elas são “recortes” de um processo maior) indica que os interlocutores-professores prenderam-se aos conteúdos mais flagrantes da matéria, reforçando as “recomendações” nela presentes (alimentar-se adequadamente, praticar exercícios para evitar a obesidade), ou a utilizaram para apresentar conceitos no âmbito da nutrição (“calorias”, por exemplo). A ênfase na dimensão conceitual dos conteúdos ficou patente quando dois interlocutores-professores, utilizaram como estratégia de avaliação uma prova escrita na qual havia duas questões sobre a matéria “Regimes Milagrosos”; em uma, sugeriu-se uma situação hipotética, que exigia dos/as alunos/as o cálculo do Índice de Massa Corpórea (IMC)⁶; na outra, solicitava-se o “significado” que a referida matéria possuía para cada um. Houve também a tentativa

⁵ Trata-se de uma edição de 15 min., da reportagem “Regimes Milagrosos”, originalmente apresentada no programa “Globo Repórter”, produzido e exibido pela Rede Globo de Televisão. A matéria apresenta o tema da obesidade e regimes alimentares (a partir da questão: “Como perder peso sem perder a saúde?”) e trata do papel do exercício físico no emagrecimento.

⁶ Fórmula matemática que, relacionando peso e estatura, propõe classificar os indivíduos em faixas “ideais”-magro, normal, pesado, obeso etc. O modo de calcular o IMC se fez presente na reportagem “Regimes Milagrosos”.

de avaliar conteúdos atitudinais por parte destes e outros interlocutores-professores, com critérios que denominaram “*informais*”. Contudo, a avaliação nessa dimensão foi considerada problemática e desafiadora, pois só seria possível avaliar a mudança de atitudes e valores no longo prazo.

IMAGENS EM AVALIAÇÃO: UM NOVO PROBLEMA

O tema da *avaliação* dos alunos surgiu e se tornou cada vez mais visível ao longo das reuniões de trabalho. As aulas que se valeram de matérias televisivas para apoiar o desenvolvimento de temas, possibilitaram que aprendizagem aos alunos? Como avaliar essa aprendizagem? Essas foram questões recorrentes a partir de certo momento. Foi possível perceber que os professores utilizaram estratégias “*informais*” e não-sistematizadas (comentários, alusões e citações feitos pelos alunos sobre as matérias televisivas); e estratégias mais “*formais*” e sistematizadas de avaliação (provas, produção de textos e trabalhos de “*pesquisa*”).

Como que sintetizando as dúvidas sobre o tema da avaliação, dois sujeitos-professores confessaram as dificuldades de avaliar a aprendizagem ocorrida a partir de um vídeo por intermédio de instrumentos que se valem da linguagem escrita (provas, produção de textos pelos alunos): “*como é que eu vou avaliar isso aí? pelo que tá escrito no papel?*”, e explicitou a dificuldade de avaliar “*quem realmente absorveu alguma coisa, quem que tá expondo a idéia dele mesmo*”; na mesma direção manifestou-se outro sujeito-professor, pois o aluno “*te responde uma coisa, te coloca uma coisa mas pensando no que você quer, ele imagina o que você quer, ou realmente vê daquela maneira, aquilo vai fazer parte da vida dele?*” (IP-3). Entende ele que é preciso discutir o tema, como conceber essa avaliação de modo a “*não cair numa avaliação que seja uma falsa impressão*”. Outro interlocutor-professor ponderou que o aluno “*sabe qual é o nosso discurso [...] tanto que você pergunta ele sabe - ‘tem que jogar com todo mundo, participação’*”, mas tal não significa que irão “*aplicar isso daí na vida deles*”, pois aí se trata da “*questão da atitude, da mudança de atitude*” (IP-6)

Tal problematização terminou por levar cinco dos seis sujeitos a indicarem a “*avaliação*” como tema que mereceria investimento na continuidade da pesquisa. Tal fato possibilitou o desencadeamento de um novo ciclo de reflexão e ação, ora em desenvolvimento.

CONCLUSÕES: AVANÇOS E DESAFIOS

Dimensões interpretativas mais profundas a respeito da matéria televisiva mais utilizada, tais como a culpabilização individual dos obesos, a desconsideração da influência do meio social, a indistinção entre fatos e opiniões, a duvidosa vinculação entre magreza, saúde e beleza, a exclusiva vinculação do exercício físico ao emagrecimento, e a *origem interessada* dos padrões de beleza corporal apresentados nas mídias, não foram explicitamente abordadas nas aulas, embora tenham sido evidenciadas na fase anterior da pesquisa (BETTI, 2003), a partir da utilização da metodologia compreensiva de Ferrés (1996), na interpretação das matérias televisivas. Não se conseguiu superar a *semântica de superfície* (a captação “*ingênua*” do sentido do discurso como um todo, que é uma compreensão global que se exprime por uma descrição) em direção à *semântica de profundidade*, como propõe a interpretação hermenêutica de Ricouer (1987): compreender um discurso é seguir seu movimento do *sentido* para a *referência*, daquilo que ele *diz* para aquilo *de que* fala. Então, a concepção que vê na Educação Física a finalidade de apropriação crítica da cultura corporal de movimento apareceu nessas aulas mais como *apropriação* de alguns conteúdos conceituais do que como *crítica* - quer dizer, como

exame dos critérios que subjazem a esses conteúdos, à luz das opções valorativas que eles implicam.

Por que os interlocutores-professores não conseguiram incorporar essa interpretação crítica às suas aulas? Teria sido necessário aprofundar *teoricamente* o tema “Padrões de Beleza, Obesidade/Emagrecimento e Atividade Física”, em suas relações com a saúde tomada como fenômeno sociocultural? Ou teria sido necessário experimentar outras estratégias/conteúdos, em mais aulas, quando os interlocutores-professores se sentissem mais confiantes? Consideramos que o desenvolvimento de determinados conteúdos conceituais, e a estratégia de debate verbal centralizado no professor, ao propiciarem maior segurança aos interlocutores-professores, decorreu em parte do fato de que estas aulas seriam objeto de registro formal (inclusive mediante filmagem), exposição e discussão nas reuniões de trabalho.

Vai também nessa direção a observação de que, em algumas aulas que não foram objeto de registro formal, no período preparatório da pesquisa, vários interlocutores-professores optaram pelo uso de outras matérias televisivas, com objetivos ligados ao desenvolvimento de conteúdos atitudinais, na maior parte das vezes vinculados às características específicas da turma, ou a alguma situação ocorrida nas aulas. Apareceu nesses casos uma abordagem mais crítica, porque se fez necessário a *explicitação de valores*, quer dizer, os interlocutores-professores tiveram que evidenciar seus *projetos* de Educação Física aos/as alunos/as – o princípio da inclusão, o respeito ao outro, a valorização do lúdico etc.

Por isso, é preciso atentar para a “triangulação dos dados”, procedimento metodológico recomendado para obter maior credibilidade ou validade interna em pesquisas de natureza “qualitativa” (ALVES-MAZZOTTI, 1998), e que foi aqui viabilizada pela confrontação entre as respostas ao “Roteiro”, a filmagem das aulas e o relato verbal dos interlocutores-professores, todos submetidos ao debate nas reuniões de trabalho. A filmagem das aulas forneceu os dados mais ricos, mas que, para serem devidamente interpretados, foram “cruzados” com os relatos verbais que se seguiram às aulas e com as entrevistas individuais.

Particularmente nas entrevistas estiveram presentes avaliações mais globais e “distanciadas” dos interlocutores-professores em relação às suas próprias aulas e às dos colegas. Um interlocutor-professor, por exemplo, declarou, com respeito à estratégia que utilizou em sua aula, que, em uma primeira assistência da sua própria aula, lhe pareceu que “*a conversa [com os alunos] tava desenrolando até num pé de igualdade*”, mas em análise posterior, “*com calma*”, percebeu que não “*que a gente falou demais, mas a gente teve que participar muito da aula pra trazer o aluno, e às vezes se excedeu um pouquinho*” (IP-3). Quer dizer, em pesquisas dessa natureza e propósito, a descrição isolada de aulas não permite chegar a conclusões consistentes.

Os resultados aqui obtidos apontam que o uso de matérias televisivas permite apoiar a concretização de uma Educação Física escolar que tenha por finalidade a apropriação crítica da cultura corporal de movimento. Contudo, temos ainda um longo caminho a percorrer, o qual não mais poderá ser trilhado sem o acompanhamento da interlocução entre professores/as e pesquisadores/as acadêmicos/as, sob pena de aumentar a distância entre teoria e prática. A pesquisa-ação, constituem-se em alternativa teórico-metodológica viável para evitar o distanciamento, na Educação Física Escolar, entre pesquisa e ensino, “sujeito-pesquisador” e “sujeito-pesquisado”.

A questão crucial parece continuar residindo no alerta já disparado por Betti (1994), no sentido de que a Educação Física escolar não deve tornar-se em um discurso *sobre* a cultura corporal de movimento, mas em uma ação pedagógica *com* ela. A visão multidimensional dos conteúdos (conceituais, procedimentais e atitudinais) parece não ser

suficiente para permitir maiores avanços, pois deixa implícita a possibilidade de desenvolver essas três dimensões separadamente, quando o desafio é desenvolvê-las *integradamente* no desenvolvimento dos temas que compõem um programa de Educação Física escolar. Tal limitação ficou evidente quando se problematizou o tema da “Avaliação”.

O debate e a troca de experiências propiciada no âmbito das reuniões em grupo possibilitou oportunidades de reflexão sobre as práticas individuais, e gerou o amadurecimento dos interlocutores-professores no uso de matérias televisivas em aulas, conforme exemplifica o depoimento:

“a gente se engajou tanto no trabalho, foi um trabalho tão produtivo, que a gente sente que se embasou teoricamente, pra tá assim com os pés no chão, pra colocar em prática o que foi discutido, o que foi trazido pelos colegas, [...] eu me sinto assim bastante embasado, seguro, pra tá colocando em prática esse trabalho” (IP-4).

Para além da especificidade de seus papéis como professores, em direção à sua formação como cidadãos, os interlocutores-professores também avaliaram que se tornaram telespectadores mais críticos, ao perceberem os mecanismos de funcionamento da linguagem televisiva nos programas que assistem em seus cotidianos.

Acreditamos que a relativamente longa duração dos trabalhos e sua dinâmica específica possibilitaram as condições necessárias para promover algumas mudanças concretas nas práticas pedagógicas dos professores-interlocutores.

Por todas essas evidências, permitimo-nos concluir que os objetivos desta pesquisa foram alcançados, e em consonância com os cânones da metodologia que o dirigiu: uma pesquisa-ação, na qual todos são co-autores dos eventuais sucessos e fracassos.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J. O método nas ciências sociais. In: ALVES-MAZZOTTI, J. A.; GEWANDSZNAJDER, F. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. 2^a ed. São Paulo: Pioneira, 1999. Parte II, p. 107-188.

BATISTA, S. R.; BETTI, M. A televisão e o ensino da educação física na escola: uma proposta de intervenção. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas v. 26, n.2, p. 7-180, jan. 2005.

BETTI, M. O que a semiótica inspira ao ensino da educação física. *Discorpo*, São Paulo, v.3, p. 25-45, out. 1994.

BETTI, M. *A janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. Campinas: Papirus, 1998.

BETTI, M. Imagem e ação: a televisão e a educação física escolar. In: _____. (Org.). *Educação Física e mídia: novos olhares, outras práticas*. São Paulo, 2003, p. 91-137.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais – terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: documento introdutório*. Brasília: MEC, SEF, 1998.

ELLIOTT, J. *La investigación-acción en educación*. Madri: Morata, 1990.

_____. *El cambio educativo desde la investigación-acción*. Madri: Morata, 1993.

FERES NETO, A. *A virtualização do esporte e suas novas vivências eletrônicas*. 2001. 167 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

FERRÉS, J. *Televisão e educação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.

OLIVEIRA, M. R. R. de; PIRES, G. de L. O primeiro olhar: experiência com imagens na educação física escolar. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 26, n.2, p. 117-133, jan. 2005.

- OROZCO-GÓMEZ, G. O. Professores e meios de comunicação: desafios, estereótipos. *Comunicação e Educação*, v. 3, n. 10, p. 57-68, 1997.
- PEREIRA, E. M. de A. Professor como pesquisador: o enfoque da pesquisa-ação na prática docente. In: SERALDI, C.M.G.; FIORENTINI, D.; PEREIRA, E.M. de A. (Org.). *Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)*. Campinas: Mercado das Letras, ALB, 2000. p. 153-182.
- PIRES, G. de L. *Educação física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.
- RICOEUR, P. *Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Lisboa: Edições 70, 1987.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1986.

Endereço:

Unesp/Departamento de Educação Física
Av. Eng. Luiz E.C. Coube, 14-01- Vargem Limpa
17033-360 Bauru-SP

endereço eletrônico: mbetti@fc.unesp.br